

Jan waclaw machajsky: um profeta não honrado em sua própria época (e com razão)

Ernie Haberkern

Fonte:

<https://thecomune.wordpress.com/2009/05/02/jan-waclaw-machajsky-a-prophet-unhounoured-in-his-own-time-and-rightly-so/>

O surgimento de uma nova classe dominante burocrática na Rússia nas décadas de 30 e 40 do século XX inflou artificialmente as ações de vários oponentes do movimento social-democrata que o atacaram com o argumento de que ele estava preparando uma ditadura de "intelectuais" ou homens de "ciência" sobre a classe trabalhadora sem instrução.

O tema deste estudo, Jan Wacław Machajsky, é uma dessas figuras.

O que todos eles têm em comum é:

- 1) Eles atacaram o movimento socialista de uma perspectiva "esquerdista" ou "libertária", acusando os socialistas de trair seus objetivos e enganar seus seguidores;
- 2) eles não podem ser retratados como -apologistas do pró-capitalismo;
- 3) seus escritos e, portanto, a natureza antidemocrática de suas políticas são inacessíveis ao leitor comum.

Bakunin, por exemplo, não está mais tão em voga apenas porque suas opiniões se tornaram muito conhecidas. Elas atendem aos dois primeiros critérios, mas o conteúdo antidemocrático de sua crítica à social-democracia foi documentado com muita frequência e de forma muito completa.

No caso de Machajsky, essas características antidemocráticas são facilmente ignoradas porque sua obra está em russo, um idioma que não é muito lido nem mesmo

pela maioria dos leitores instruídos da Europa Ocidental e da América do Norte, e ele não foi traduzido, exceto aos poucos, para nenhum idioma da Europa Ocidental. Há uma exceção a essa última afirmação. Uma tradução bastante simplificada de extensas seleções de Machajsky foi publicada em francês¹. Mais sobre isso adiante.

Machajsky é conhecido principalmente porque um de seus seguidores, Max Nomad, emigrou para os Estados Unidos e popularizou suas ideias em inglês. Popularizou-as da mesma forma que as histórias em quadrinhos clássicas costumavam popularizar a *Iliada* de Homero ou o *Rei Lear* de Shakespeare. Na versão do Nomad, Machajsky aparece como um - crítico de carteirinha - do grande governo e do grande trabalho; sua oposição- consistente e baseada em princípios aos sindicatos *como tais* e à política democrática em geral e as conclusões reacionárias que Machajsky tirou de seus princípios foram enfatizadas pelo Nomad. No entanto, a consciência dessas conclusões políticas não apenas esclarece a posição básica de Machajsky, mas também ajuda a explicar algumas declarações bizarras do próprio Nomad.

Além dos breves resumos de Max Nomad sobre a doutrina de Machajsky que apareceram em seus livros *Renegades and Rebels* e *Dreamers, Dynamiters and Demagogues*, ele publicou um artigo no *Le Contrat Social*² no qual analisou a carreira e o trabalho de Machajsky sob uma perspectiva crítica. Vários outros acadêmicos também escreveram breves ensaios sobre Machajsky em inglês, como Anthony D'Agostino, Marshall Shatz e Paul Avrich³. Todas essas fontes dão ao leitor um vislumbre das novas visões de Machajsky com relação à futura "ditadura dos intelectuais" e afirmam mais ou menos explicitamente que essas visões equivalem a uma previsão da degeneração da Revolução Russa no stalinismo. Em alguns casos, a alegação de que a teoria de Machajsky sobre a "ditadura dos intelectuais" também descreve o fascismo é feita⁴. O próprio Machajsky não fez tal afirmação.

Na verdade, como ele morreu em 1926, em uma época em que ambos os fenômenos estavam apenas surgindo, ele não estava em uma boa posição para fazer

¹ Alexandre Skirda, *Le Socialisme des Intellectuels*, Editions du Seuil, Paris 1979.

² Max Nomad, AUn Meconnu: W. Makhaiski", *Le Contrat Social*, 1968)

³ Paul Avrich, "A What is Makhavism?", *Soviet Studies* (julho de 1965); Anthony D'Agostino, "Intelligentsia Socialism and the Workers' Revolution", *International Review of Social History*, Vol. XIV (1969); Marshal Shatz, A Machajsky, "*International Review of Social History*", Vol. XV (1969).

⁴ Max Nomad, *Le Socialisme des Intellectuels*, 'La Revolution Proletarienne', 1934.

isso. E o que é mais importante, a teoria de Machajsky era uma defesa bem argumentada da proposição de que o estado democrático e suas instituições, incluindo especialmente um movimento sindical livre, eram os instrumentos por meio dos quais a "nova classe" de intelectuais governaria. Toda a sua polêmica é dirigida à social-democracia anterior à Primeira Guerra Mundial e sua tática de usar a atividade parlamentar e sindical como meio de organizar a classe trabalhadora em sua luta contra o capital. Para Machajsky, assim como para Edward Bernstein, cujo revisionismo levou Machajsky a questionar o compromisso da social-democracia com a revolução, a democracia política e o sindicalismo eram meios de reformar o capitalismo e *torná-lo tolerável para uma classe trabalhadora que não podia esperar se libertar*. Como disse Machajsky:

A burguesia, como todos os guardas de prisão, faz concessões para comprar a paz de seus escravos e evitar suas revoltas. Ela dá aos trabalhadores o direito de organizar sindicatos para que não seja forçada a novas e maiores concessões por causa desses tumultos, mas possa lidar com sindicatos pacíficos cujas demandas possam ser recusadas sem medo. E aqui toda a doutrina dos irmãos dos trabalhadores, incluindo os socialistas, aparece como aliada da burguesia na propagação dessa política de prisão. Com todas as suas forças, eles tentam incutir na alma dos trabalhadores esse sentimento de escravidão, tão necessário para a burguesia ladra. Como verdadeiros guardas de prisão, eles ensinam que as revoltas dos trabalhadores, que ameaçam os ladrões, não trarão a vitória, mas sim os sindicatos, que não ameaçam os ladrões.

É claro que Bernstein era a favor de que os sindicatos e um partido socialista reformado desempenhassem esse papel, e Machajsky era contra. Nenhum deles duvidava que essa perspectiva de reforma ininterrupta fosse a "onda do futuro". Como o principal elemento comum do fascismo e do stalinismo é a destruição, pela raiz, de todas as instituições democráticas, incluindo, especialmente, os sindicatos, usando um partido totalitário recrutado, pelo menos inicialmente, das fileiras dos oprimidos, é difícil ver como a teoria de Machajsky poderia ser considerada uma previsão desses movimentos ou dizer qual teria sido sua reação a eles. Na melhor das hipóteses, ele teria de considerar o surgimento desses movimentos "plebeus" dos desclassificados e seu deslocamento dos "intelectuais" democráticos como uma briga de família entre duas seções da "nova classe". Na pior das hipóteses, ele teria de ver as "revoluções" fascistas

ou stalinistas como uma injeção de elementos plebeus novos e menos corrompidos na camada dominante do que Nômade chamou de capitalismo de Estado. Em *Rebels and Renegades*, o próprio Nômade vacila entre essas duas posições.

O que Machajsky teria dito continua sendo uma pergunta sem resposta. Sua análise do estado soviético inicial, publicada em 1918⁵, simplesmente o trata como um exemplo de uma forma extrema de estado democrático por meio do qual, em nome dos trabalhadores, os "intelectuais" governam porque somente eles têm a educação necessária para manipular as formas democráticas.

Para os trotskistas, a revolução foi finalmente derrotada no final da década de 20, quando toda a oposição política dentro do Partido Comunista foi banida; para outros, a proibição dos partidos de oposição durante a guerra civil de 1918 a 1920 foi o ponto de virada; os anarquistas dataram o fim da revolução a partir de outubro de 1917, quando os soviets se tornaram órgãos do poder estatal; Machajsky, até onde sei, é o único a afirmar que a revolução foi derrotada em fevereiro de 1917, quando os soviets foram fundados. Como instituições democráticas, os soviets eram *a forma final* da ditadura do intelectual. Aqui, como em outros lugares, a hostilidade de Machajsky aos "intelectuais" esconde, por pouco, um desprezo pelos trabalhadores sem instrução e descarta como uma ficção o poder deles sobre as instituições que construíram.

De qualquer forma, em 1918, ou depois, ele não argumentou que o governo comunista era algo novo em comparação com qualquer outro estado democrático com um partido socialista no poder. De fato, ele teve de argumentar que *não* era basicamente diferente dos governos social-democratas que chegaram ao poder após a Primeira Guerra Mundial. No início dos anos 20, quando outros, especialmente os dissidentes dos partidos comunistas e social-democratas, estavam começando a perguntar se a nova burocracia soviética estava se transformando em algo novo, em algo diferente de um partido socialista corrompido pelo poder, Machajsky ficou em silêncio. O que ele poderia ter dito?

No entanto, há uma pista sobre qual poderia ter sido a reação de Machajsky ao fascismo e ao stalinismo. Isso está em sua avaliação positiva das *Centenas Negras*

⁵ Jan Wacław Machajsky, *Russkaya Revolutsia*, Moscou (1918), reimpresso em *Umstvennii Rabochii, Mezhdunarodnoe Internationalnoe Izdatelstvo*. (1968)

-protofascistas em 1905 e seus pogroms contra a *intelligentsia*. Antes de abordar essa questão, que foi ignorada por todos os críticos não soviéticos de Machajsky, com exceção de um⁶, temos que dar uma olhada em um pequeno histórico.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

A origem do movimento social-democrata russo na década de 1880 foi em pequenos círculos de radicais democráticos, em sua maioria com formação universitária, que haviam perdido a fé no projeto populista. Eles não puderam deixar de notar o contraste entre o fracasso de todas as tentativas de organizar a massa camponesa na Rússia e o sucesso crescente do movimento socialista no Ocidente, baseado na classe trabalhadora industrial. Esse sucesso foi especialmente impressionante na Alemanha, que, como a Rússia, era um estado autocrático.

Na década que se seguiu, até 1897, o novo movimento radical parecia estar indo na mesma direção. Embora os grupos social-democratas fossem pequenos, desorganizados e sujeitos à mesma repressão policial que seus antecessores populistas haviam sofrido, eles tinham uma grande vantagem. Eles não tinham concorrência. Ninguém mais estava lidando com os problemas e as demandas da pequena, mas estrategicamente localizada, classe trabalhadora industrial do império russo. Os pequenos grupos e círculos de estudo podiam oferecer apenas uma liderança política amadora e dispersa para o movimento dos trabalhadores, mas não havia mais ninguém tentando oferecer qualquer tipo de liderança.

No final da década de 1890, esse novo movimento sofreu dois sérios golpes. Um veio de fora e o outro de dentro da própria Rússia.

Em 1896, Edward Bernstein, ex-aluno de Friedrich Engels e principal porta-voz do Partido Social-Democrata Alemão, publicou uma série de artigos que propunham transformar o SPD no partido reformista liberal que a burguesia alemã não havia conseguido criar para si mesma. A luta gradual e fragmentada transformaria a sociedade alemã sem um confronto com a autocracia prussiana. Aplicado à Rússia, o

⁶ Um estudo soviético sério menciona esse fato. Consulte L. Syrkin, *Machaevshchina*, Gosudarstvennoe Sotsial'no-Ekonomicheskoe Izdatel'stvo, Moscou e Leningrado (1931).

bernsteinismo parecia significar dar as costas à tradição revolucionária e tentar realizar qualquer trabalho legal que as autoridades czaristas permitissem.

Mais ameaçador para o movimento russo do que o argumento ideológico de Bernstein foi o crescimento do movimento sindical legal sob os auspícios de Sergei Zubatov, chefe da polícia secreta de Moscou. Essa figura interessante e muito incompreendida tornou-se o concorrente que faltava aos social-democratas. Ele organizou um movimento sindical reformista, mas militante, que em poucos anos se tornou a força dominante em uma grande onda de greves que culminou na greve geral de Odessa em 1903. Suas organizações sucessoras continuaram a ser as organizações trabalhistas mais influentes do país até que a revolução de 1905 pôs fim à confiança da classe trabalhadora russa na benevolência da autocracia. Seria uma digressão entrar em detalhes sobre Zubatov e seu tipo peculiar de socialismo cristão ou investigar a base social dessa bizarra descendência de uma relíquia medieval como o tsarismo. Felizmente, já existe um tratamento competente do assunto em inglês⁷.

O que de fato precisa ser mencionado é a linha de ataque de Zubatov contra os social-democratas e a resposta deles a isso. Zubatov pregava e acreditava em uma monarquia social cristã que protegia todas as classes e camadas sociais e, principalmente, os oprimidos. A ganância e a exploração do capitalismo, assim como os ataques socialistas a ele, eram importações ocidentais. O socialismo não era a expressão das necessidades econômicas legítimas dos trabalhadores, mas, sim, um credo racionalista que usava o descontentamento dos trabalhadores para alimentar um movimento de modernização e secularização da Rússia czarista e ortodoxa. Esse projeto era alheio ao espírito e às necessidades reais do povo russo. Tão estranho quanto o próprio capitalismo. A resposta de Zubatov foi organizar um movimento que representasse os interesses reais dos trabalhadores, seus interesses econômicos, contra a ganância dos capitalistas, ao mesmo tempo em que rejeitava os slogans democráticos e antiesaristas dos "intelectuais".

No entanto, o anti-intelectualismo de Zubatov era seletivo. A fome de educação do trabalhador russo, especialmente o tipo de trabalhador atraído pelas organizações

⁷ Jeremiah Schneiderman, *Sergei Zubatov and Revolutionary Marxism*, Cornell University Press, Ithaca NY (1976).

trabalhistas, era tão pronunciada quanto a de seus colegas ocidentais. Parte do apelo das organizações Zubatov era o patrocínio de palestras e clubes de leitura liderados, a princípio, por acadêmicos de destaque. Os temas incluíam não apenas o movimento trabalhista ocidental (o próprio Zubatov apresentou aos seus convertidos da classe trabalhadora Bernstein e Webbs *Industrial Democracy*), mas também uma série de tópicos acadêmicos, de poesia a Darwin. Quando a campanha dos radicais e socialistas tornou politicamente impossível para os acadêmicos liberais continuar esse trabalho para Zubatov, ele foi forçado a recorrer a um tipo anterior de trabalhador intelectual: o clero. Infelizmente, as leituras da Bíblia nunca alcançaram a popularidade de Darwin.

No entanto, as salas de reunião de Zubatov continuaram a oferecer um centro de autoeducação e organização dos trabalhadores (sob o olhar atento da polícia) até 1905.

O sucesso do experimento de Zubatov provocou uma crise em alguns casos, um verdadeiro pânico nas organizações social-democratas. A necessidade de competir com esse movimento bem organizado e bem financiado foi uma das forças motrizes dos debates do período de 1901 a 1903, que muitas vezes são tratados como se fossem discussões abstratas sobre a natureza da organização política. A possibilidade de uma organização sindical no estilo "britânico" - a federação sindical leal de Sua Majestade - parecia real. O modelo alemão de um movimento trabalhista politizado liderando a luta pela modernização e democratização da sociedade como um todo poderia ser deixado de lado. E qual seria então o papel do revolucionário das classes educadas que havia cortado seus laços com a sociedade respeitável?

A variedade de respostas foi ampla. Talvez a mais conhecida seja a dos "economistas". Embora rejeitassem o socialismo monárquico de Zubatov, eles defendiam uma concentração "pura e simples" em questões econômicas, acreditando que o crescimento desse movimento geraria a pressão social que poderia, em longo prazo, civilizar e europeizar a Rússia e o czarismo russo. No outro extremo, muitos dos comitês clandestinos viam os sindicatos legais e até mesmo o movimento grevista apenas como um mal, um meio de cooptar a potencial base de massa da social-democracia. A resposta da corrente dominante foi, na maioria das vezes, tentar competir com o movimento Zubatov "ampliando" a própria socialdemocracia. Ou seja, eles esperavam que, ao abandonar ou simplesmente esquecer de mencionar demandas

políticas antissaristas incômodas, os socialdemocratas pudessem substituir os partidários de Zubatov na liderança do movimento de massa legal. Lênin era peculiar em sua insistência em agitar dentro das organizações legais apartidárias o programa social-democrata.

Inicialmente, entretanto, as tentativas dos social-democratas de levantar demandas políticas na greve de Odessa em 1903 tiveram muito pouco sucesso, segundo todos os relatos⁸.

Foi no contexto desse debate que as teorias de Machajsky sobre a classe dos "intelectuais" surgiram e foram ouvidas. Os oponentes social-democratas da época e os estudiosos soviéticos posteriormente apontaram as semelhanças entre os slogans de Machajsky e os de Zubatov.

A hostilidade contra os intelectuais - ou seja, os revolucionários social-democratas - e a ênfase nas demandas econômicas em detrimento da reforma política caracterizaram ambos. O próprio Machajsky, em sua obra mais conhecida, *Umstvennii Rabochii* (O Trabalhador Intelectual)⁹, toma a greve de 1903 em Odessa como modelo justamente porque os social-democratas foram isolados no início quando tentaram levantar demandas políticas.

QUEM SÃO OS INTELECTUAIS

Machajsky não derivou suas ideias de Zubatov ou dos economistas. Em vez disso, como eles, e ao mesmo tempo que eles, ele começou com Bernstein. Inicialmente, em 1898, ele era visto como um defensor do marxismo ortodoxo, e provavelmente pensava em si mesmo como tal.

De fato, a noção de que os recrutas das "classes instruídas" para o movimento socialista, especialmente aqueles recrutados para um movimento socialista crescente e bem-sucedido, tenderiam a ver o partido e outras instituições da classe trabalhadora como uma fonte de empregos e influência que poderiam ser prejudicados pelo discurso

⁸ Schneiderman, *Sergei Zubatov*, p. 328

⁹ Machajsky, *Umstvennii Rabochii*, p. 51

revolucionário não era nova. Marx e Engels estavam preocupados com a influência de tais tipos muito antes de o revisionismo de Bernstein aparecer em cena¹⁰.

Até mesmo a noção de Machajsky de que o objetivo real do socialismo era a fundação de uma nova forma de classe dominante com base nesses detentores de cargos não era nova. Bakunin já havia feito essa afirmação e ela era bastante comum no movimento anarquista. Machajsky fez disso um ponto muito mais central de seu programa do que a maioria, mas isso é tudo. O movimento anarquista, especialmente na Rússia, também estendeu isso aos funcionários dos sindicatos. Portanto, Machajsky também não era uma novidade nesse aspecto¹¹.

Machajsky ampliou essa teoria para incluir formas anarquistas de organização. Não apenas os sindicatos sindicalistas, mas também as comunas anarquistas voluntárias sofreriam as mesmas tendências à ditadura dos educados.

A REVOLUÇÃO DE MACHAJSKY

Quais forças sociais seriam a base dessa greve geral? Embora muita atenção tenha sido dada à dissecação que Machajsky fez dos "intelectuais", incluindo os trabalhadores corrompidos pela organização sindical, seus críticos, favoráveis e desfavoráveis, tendem a passar rapidamente por cima desse componente, o mais importante e distinto, do trabalho de Machajsky. A alternativa à classe trabalhadora organizada e, portanto, corrompida, era o recrutamento bruto do campo, os desempregados e, especialmente, os elementos criminosos e semicriminosos da população urbana. Bakunin também considerou esses estratos como o contrapeso ao trabalhador "burguês". Hoje, os escritos "secrets" nos quais ele delineou seus esquemas

¹⁰ Para uma discussão das opiniões de Marx e Engels sobre intelectuais e trabalhadores intelectuais, consulte Hal Draper, *Karl Marx's Theory of Revolution*, Vol. II, Monthly Review Press, Nova York e Londres, (1978) p. 481 e seguintes.

¹¹ A descoberta de Machajsky de que os sindicatos, na verdade, não passam de um dispositivo para controlar os trabalhadores é uma das tradições mais antigas da esquerda. Era comum no movimento cartista da década de 1840. Marx e Engels eram *peculiares* em sua ênfase no movimento sindical como uma força progressista, mesmo quando liderado por reformistas. Apesar de sua influência, atitudes antissindicalistas eram comuns na Segunda Internacional, mesmo entre pessoas - boas pessoas - que se consideravam marxistas. Rosa Luxemburgo é um triste exemplo dessa tendência. Na Polônia, ela apoiou a tentativa do partido social-democrata de manter os sindicatos sob o controle formal do partido, enquanto na Alemanha, onde isso era impossível, ela simplesmente ignorou o movimento, embora seu apoio ao partido viesse das fileiras dos trabalhadores organizados.

para uma sociedade secreta conspiratória fortemente organizada que controlaria e manipularia essa massa desorganizada são bem conhecidos¹².

O que Bakunin glorificava como "forças destrutivas" não era seu movimento, assim como não eram os trabalhadores organizados. A vantagem dos primeiros era que, por não estarem organizados, podiam ser manipulados pela conspiração hierárquica, pode-se até dizer totalitária, bakuninista¹³. Ao contrário de Machajsky, entretanto, Bakunin ocultou esse aspecto de seus ensinamentos. Ele não atacou abertamente o movimento sindical. Na verdade, ele o contrapôs como um movimento econômico ao movimento político que os marxistas estavam tentando construir. Mesmo os anarquistas que se opunham ao movimento sindical¹⁴ como "autoritário" tendiam a considerá-lo um erro e não apenas um mal. Na visão de Machajsky, ao contrário, os sindicatos, reformistas ou revolucionários, sindicalistas ou artesanais, como os partidos democráticos dos trabalhadores e como as comunas anarquistas, faziam parte da "conspiração dos intelectuais" que precisava ser chantageada pela greve geral insurrecional fomentada pela "Conspiração dos Trabalhadores".

O que é mais característico de Machajsky, e mais consistentemente ignorado por seus comentaristas ocidentais, é justamente esse foco claro e inequívoco no movimento organizado dos trabalhadores como inimigo. Já vimos Machajsky simpatizando com a hostilidade instigada por Zubatov às demandas políticas democráticas na greve de 1903¹⁵.

¹² Para o resumo mais recente do fascínio de toda a vida de Bakunin pela organização conspiratória e pela ditadura, antes e depois de sua fase "anarquista" relativamente breve, consulte Arthur P. Mendl, *Roots of Apocalypse*, Praeger, Nova York (1980).

¹³ Como Mendl e outros apontaram, os esquemas de Bakunin para uma conspiração clandestina organizada de acordo com linhas totalitárias permaneceram em grande parte fantasiosos. No caso de Nechayev, entretanto, Bakunin certamente deu seu apoio a uma tentativa de organizar tal conspiração. Ele defendeu o uso do assassinato por Nechayev como uma ferramenta disciplinar na construção dessa organização clandestina. Mesmo que a organização de Nechayev fosse mais uma camarilha que não representasse uma ameaça real às autoridades czaristas, Bakunin ainda é responsável por endossar os métodos usados.

O caso mais notório da atividade conspiratória de Bakunin, é claro, não foi direcionado a nenhum governo. Sua *Aliança da Social Democracia* foi, na verdade, uma tentativa de "governar ou arruinar" a mais importante organização de trabalhadores existente, a *Associação Internacional dos Trabalhadores*.

¹⁴ Consulte Paul Avrich, *The Russian Anarchists*, Princeton University Press, Princeton NJ (1967) para uma discussão sobre o tratamento dos sindicatos pelos anarquistas russos.

¹⁵ Machajsky, a propósito, enfatiza demais a extensão do isolamento dos social-democratas. Especialmente no final do movimento, quando se tornou cada vez mais difícil apresentar as autoridades czaristas como benevolentes ou mesmo neutras, a propaganda social-democrata começou a surtir mais efeito. Em poucos meses, o Independent Labor Party (Partido Trabalhista Independente), criado por Zubatov, que havia sido tão influente, desmoronou.

Um incidente ainda mais revelador na carreira de Machajsky, literária e prática, ocorreu em 1905. O surto revolucionário daquele ano fez com que todos saíssem de suas rotinas habituais. O colapso dos sindicatos de Zubatov e a conversão da classe trabalhadora urbana à social-democracia -assumiram um caráter quase religioso¹⁶. Em retrospecto, toda a sociedade viu os passos temporários em direção a uma constituição por parte das autoridades czaristas como um grande avanço na "europeização" da Rússia. Machajsky foi repellido por essa perspectiva. Enquanto os social-democratas de todas as tendências e facções saudavam essa revolução democrática como uma chance de sair da prisão dos grupos conspiratórios, Machajsky respondeu com ataques renovados à predileção dos intelectuais por uma vida política aberta, legal e democrática.

Em uma obra que foi mencionada por apenas um de seus críticos ingleses, *Burzhnaznaya Revoliutsia*¹⁷, Machajsky criticou a *intelectualidade* socialista por causa de sua ânsia por democracia. Ele aproveitou a oportunidade para publicar seus trabalhos anteriores em uma nova forma revisada, reunindo seus três panfletos em uma obra, o já mencionado *Umstvennii Rabochii*, que foi organizado em torno da tese de que a democracia era, historicamente, uma ferramenta usada pelos intelectuais para enganar os trabalhadores¹⁸. A democracia não passava de uma armadilha mais perigosa do que o despotismo aberto do czar. No panfleto *Burzhnaznaia Revoliutsia*, publicado na mesma época, mas menos teórico e mais polêmico, Machajsky glorificou a revolta elementar do povo como uma *alternativa* às exigências dos revolucionários políticos, incluindo, é claro, os movimentos sindicais e soviéticos em rápido crescimento, por uma república democrática e liberdade política. Ele enfatizou a necessidade de as massas se organizarem em linhas conspiratórias, independentemente da natureza do Estado. Despótico ou democrático, era tudo a mesma coisa.

O partido da revolução dos trabalhadores, da insurreição, não exige liberdade política; ele viverá na clandestinidade em uma democracia, assim como vive no

¹⁶ Consulte Solomon M. Schwartz, *The Russian Revolution of 1905*, The University of Chicago Press, Chicago e Londres (1967)

¹⁷ Marshall S. Shatz, 'The Makhievists and the Russian Revolutionary Movement,' *The International Review for Social History*, vol. XV (1969)

¹⁸ Essa versão dos primeiros panfletos de Machajsky pode ser autoflagelada. Na publicação de seu primeiro panfleto, Machajsky foi tratado simplesmente como outro defensor da social-democracia ortodoxa. É difícil ver como isso poderia acontecer se o panfleto estivesse na forma como está em *Umstvennii Rabochii*.

absolutismo. Suas únicas demandas serão as demandas econômicas relativas ao trabalho manual. Sua única atividade é a organização de uma conspiração com o objetivo de unir todas as greves de trabalhadores em massa em um levante mundial¹⁹. Foi nesse panfleto que Machajsky justificou os pogroms da notória "União do Povo Russo" protofascista.

MACHAJSKY E AS CENTENAS NEGRAS

Esse movimento, organizado por conservadores protsaristas que buscavam desesperadamente por algum meio de transformar a raiva popular contra a revolução e desviá-la da monarquia, apelou para as paixões mais simples e cruas da classe baixa desorientada do império russo. Ao contrário de Zubatov, os conservadores promonarquistas em 1905 não podiam mais esperar contrapor um sindicalismo legal "puro e simples" aos "intelectuais" radicais e democráticos. A classe trabalhadora organizada havia se voltado solidamente para o campo radical após o tiroteio, em 9 de janeiro de 1905, de manifestantes pacíficos que faziam petições ao czar, carregavam ícones e seguiam o sucessor de Zubatov, o padre Gapon.

O único recurso para os partidários da monarquia era apelar para o ódio da massa desesperada e desorganizada por seus "superiores". Seus "superiores" não eram o czar e seus ministros ou os realmente ricos. Para o pequeno empresário ou artesão em dificuldades, para o funcionário público de aparência simples e maltrapilha que não era promovido enquanto os "não russos-" subiam na hierarquia, sem mencionar o morador comum das favelas, as classes altas poderiam muito bem ter vivido em outro planeta. *Elas* estavam sendo pressionadas por duas forças mais próximas. De cima para baixo, a ordem social que eles conheciam estava ameaçada pelo processo de modernização iniciado com certa relutância pelo próprio governo do czar. (De baixo, suas pretensões eram ameaçadas pelo movimento trabalhista cada vez mais militante²⁰). Por trás de tudo isso estavam os panfletários radicais, os políticos liberais e socialistas, os educados, os "intelectuais" que eles podiam identificar como inimigos.

¹⁹ *Burzhuaznaia Revoliutsia*, p. 80 citado em Syrkin p. 33

²⁰ Para uma discussão sobre esse movimento singularmente pouco apetitoso, consulte John Joseph Brock Jr., *The Theory and Practice of the Union of the Russian People 1905-1907: A Case Study of A Black Hundred' Politics*, Dissertação de doutorado não publicada, Universidade de Michigan, Ann Arbor, Michigan (1972). Microfilmes da Universidade no. 73-11,052

Essas "Centenas Negras", como eram conhecidas, tornaram-se uma palavra de ordem por várias décadas. Até serem substituídos pelos fascistas de Mussolini, eles eram o arquétipo do movimento reacionário na literatura socialista e liberal. Machajsky os defendeu.

Aparentemente, não há evidências de que Machajsky fosse antissemita. Machajsky, por outro lado, também não se opôs ao antissemitismo deles. Ele não prestou atenção a isso. Isso não o interessava. Ele se sentiu atraído pelas Centenas Negras por causa da maneira como lidavam com os "intelectuais". Nas palavras de Machajsky:

Os hooligans que estão espancando os intelectuais são todos monstros a soldo da polícia, bandidos que não são diferentes dos espões czaristas ou dos agentes da polícia... *Na verdade, é mais complicado...O fato de os intelectuais estarem lutando pela liberdade e os Centenas Negras estarem sendo atacados pelos homens de Trepov* (Trepov era Ministro do Interior) *não altera em nada a posição dos dois; os Centenas Negras estão matando seus senhores*, que, não satisfeitos por viverem roubando os trabalhadores, estão usando a luta dos trabalhadores para intensificar seu parasitismo²¹.

Os senhores aqui são os democratas radicais e os socialistas, incluindo os trabalhadores "burgueses", e a "intensificação de seu parasitismo" é a república democrática. Para Machajsky, em 1905, nesse panfleto, a república democrática é o mal maior, uma "intensificação do parasitismo" em comparação com o czarismo.

O único comentarista de Machajsky em inglês que menciona esse material, Marshal Shatz, fica atônito. O que se pode fazer com esse tipo de material vindo de um pensador que foi levado a acreditar ser um apóstolo da liberdade e um oponente presciente do totalitarismo vindouro?

²¹ A ênfase nessa passagem é de Machajsky. É *ele* quem enfatiza que é *verdade* que as *Centenas Negras* eram aliadas da polícia secreta, enquanto os *intelectuais* lutavam pela liberdade política. É *ele* quem enfatiza que os primeiros devem ser apoiados quando espancam os socialistas.

Por alguma razão, Shatz deixa de fora esse material enfatizado por Machajsky. A citação completa está em Syrkin.

Consulte Syrkin p.67, Shatz pp 242-243. Ambos dão a referência em *Bourzhuznaia Revoliutsia* como p. 51.

Shatz pelo menos levanta a questão. Alexandre Skirda, o editor da seleção francesa da obra de Machajsky, traduz trechos extensos do *Burzhuznaia Revoliutsia*, totalizando cerca de vinte páginas de uma obra que, no original, tinha pouco mais de cem páginas. Não há uma palavra sequer sobre os elogios de Machajsky aos Black Hundreds.

Shatz tenta lidar com o problema defendendo Machajsky de duas acusações que ninguém fez. (Ninguém fez nenhuma acusação, pois ninguém mais sequer mencionou o incidente). Primeiro, Shatz nega que Machajsky fosse antissemita. A prova é que a esposa de Machajsky era judia. É claro que a esposa de Wladislaw Gomulka também era judia e isso não o impediu de instigar um pogrom em 1968, quando a necessidade política assim o exigiu. No entanto, parece não haver base para acreditar que Machajsky tenha se desculpado pelos pogroms das Centenas Negras *porque* eles eram antissemitas; da mesma forma que ele não sentia repulsa por eles devido a essa infeliz característica²².

A segunda acusação da qual Shatz defende Machajsky é a de ser promonarquista. Nas palavras de Shatz, "seu objetivo final era uma revolução social e, portanto, ele poderia ter pouco em comum com os princípios do monarquismo das Centúrias Negras". Mas o tipo de "revolução social" de Machajsky era indiferente às formas políticas. Toda a sua teoria, como Shatz sabe, baseava-se no princípio de que as formas políticas eram, na melhor das hipóteses, irrelevantes. De fato, especialmente nesse panfleto, Machajsky se esforça para demonstrar que a democracia é o mal maior.

Shatz conclui afirmando que Machajsky "simpatizava" com os Black Hundreds apenas na medida em que os considerava párias da sociedade burguesa "respeitável" e, portanto, imbuídos de uma hostilidade elementar contra o establishment. Machajsky, no entanto, deixou claro que "simpatizava" com esses elementos "apenas na medida" em que os considerava a base de seu tipo de "revolução social". Ele não tinha vergonha de abraçá-los.

²² Essa declaração deve ser qualificada. Não vi uma cópia de *Burzhuznaia Revoliutsia*. O Instituto de História Social de Amsterdã perdeu sua cópia e não conheço nenhuma outra. Entretanto, como Syrkin tinha uma cópia e critica Machajsky, o fato de ele não mencionar nenhum sentimento antissemita parece ser uma boa evidência negativa.

Machajsky retorna repetidamente à tese de que "as massas famintas" não podem ser ajudadas pela luta política, por reformas políticas ou mesmo pela revolução. A alternativa que ele propõe é uma revolta contínua fomentada por uma conspiração clandestina. No *Nomad* e em outros simpatizantes de Machajsky, esse motim é traduzido como uma "greve geral", como se a proposta de Machajsky fosse semelhante à do movimento sindicalista. Mas Machajsky considerava a cooperativa anarquista e o "grande sindicato" sindicalista como simples variantes da nova sociedade dos social-democratas. Eles também eram formas de ditadura da "nova classe" de intelectuais. É verdade que ele usa os termos "stachka" e "zabastovka" - greve - para descrever a principal arma de sua conspiração. Entretanto, seu termo mais comum é "bunt", que significa tumulto.

Além de um motim militar ou naval ou de um motim em uma prisão, o termo é usado com mais frequência para descrever a "jacquerie" camponesa, que foi a forma tradicional de movimento popular russo durante séculos. Em geral, esses movimentos eram locais e temporários. Ocasionalmente, eles se espalhavam rapidamente por vastas áreas. E, com a mesma rapidez, entravam em colapso. Eles nunca deixavam para trás nenhuma instituição permanente.

Uma maneira de ver Machajsky é como um reflexo intelectual da desconfiança do camponês russo tradicional em relação às pessoas que sabiam ler, escrever e contar. Sempre que duas dessas pessoas se reuniam, sem dúvida conspiravam para enganar o povo honesto. Considerando a experiência histórica do camponês russo, essa desconfiança não era totalmente infundada. Mas a consequência prática é que qualquer coisa tão complicada como uma greve, quanto mais um sindicato, está fora de questão.

Em seu panfleto de 1908, "The Workers' Conspiracy" (A Conspiração dos Trabalhadores), Machajsky delineou como essa operação funcionaria. Ele explicou o que o tumulto - o "bunt" que ele defendia - implicava.

Em sua própria revolução burguesa, os socialistas entendem que o inimigo deve ser pego de surpresa, eles desprezam as proibições governamentais e vão para a clandestinidade, criam conspirações secretas para derrubar a autocracia. Na revolução dos trabalhadores, que é estranha para eles, os socialistas evitam conspirações, proibem

a atividade clandestina, exigem que os trabalhadores deem até mesmo o menor passo em sua luta abertamente diante dos olhos do inimigo, dos olhos da burguesia, da polícia e do governo. Em sua revolução, eles se contentam em derramar sangue, quanto pior a atrocidade, melhor; na luta dos trabalhadores, eles proíbem a força, defendem a luta pacífica, contra o derramamento de uma gota de sangue. Nos tumultos da intelligentsia, eles colocam um revólver na mão de todos e uma bomba; nos tumultos dos trabalhadores, eles tiram das mãos dos trabalhadores até mesmo as pedras, que eles, desarmados, pegam. Quando as revoltas políticas são reprimidas, os socialistas chamam o mundo inteiro para ajudar; quando as revoltas dos trabalhadores são reprimidas, eles aconselham paz e tranquilidade. Os socialistas louvam o assassinato político e o terror até os céus, mas -condenam o terror econômico-. -O assassinato de um burocrata que oprime a intelligentsia é um ato heroico. O assassinato de um explorador capitalista ou de um -engenheiro de mãos leves -é um mal monstruoso, que merece morte imediata e eterno desprezo²³.

Seria uma digressão entrar aqui em toda a questão histórica do terror individual no movimento russo. Presumivelmente, a maioria dos leitores deste artigo estará ciente do fato de que a social-democracia russa se distinguiu de seus antecessores pela rejeição do terror individual, entre outras coisas. Essa tendência defendia métodos políticos de luta contra a autocracia czarista e a exploração capitalista. O que deve ser perguntado aqui é: o que Machajsky está defendendo? A que se resume seu "bunt", seu motim, sua conspiração? Não é a mesma coisa que as atrocidades de Ravachol no final do século XIX, realizadas em nome do anarquismo? Ou, para dar um exemplo mais contemporâneo, como a "conspiração dos trabalhadores" de Machajsky se diferenciaria das Brigadas Vermelhas ou da Fração do Exército Vermelho?

A CONSPIRAÇÃO DOS TRABALHADORES

Há outra semelhança entre o argumento de Machajsky e o de Bernstein. Essa é a teoria da classe trabalhadora em declínio. Comum a ambos é a noção de que a sociedade moderna, ao contrário da suposta visão de Marx, não está se dividindo em uma pequena minoria de exploradores e uma vasta maioria de proletários oprimidos e miseráveis. Em vez disso, uma nova classe média está crescendo às custas dos extremos. Essa

²³ Consulte *Rabochii Zagavor* pp. 49, 50.

semelhança de pontos de vista é observada, e até insistida, por Machajsky. *É a justificativa para sua rejeição da democracia.*

*A resposta a Bernstein do campo do socialismo proletário não é a negação (como alguns líderes social-democratas) do fato indubitável do crescimento de novas classes médias, mas a exposição desse "novo estrato, significativo em números e em crescimento" como um novo inimigo do proletariado e o apelo à guerra contra ele "para acabar com todos os privilégios"*²⁴.

Para Bernstein, a conclusão é: a classe trabalhadora organizada deve evitar o isolamento, moderando suas demandas para acomodar as classes médias. Ela deve até mesmo se fundir, como uma minoria, em um movimento reformista maior. Para Machajsky, a conclusão é: a classe trabalhadora, as massas famintas, ficarão ainda mais isoladas em um estado democrático. Até mesmo uma seção da própria classe trabalhadora será integrada à ordem democrática. Somente uma conspiração clandestina pode realizar o tipo de chantagem que a *minoria* oprimida deve usar para atingir seus objetivos. Machajsky não faz objeção ao caráter demagógico e falso das instituições representativas sob o capitalismo. Essas objeções eram comuns na social-democracia. Em vez disso, ele se opõe a essas instituições na medida em que elas representam de forma mais ou menos precisa os sentimentos reais da maioria.

Esse panfleto de 1908 é muito interessante pelo que *não* está contido nele. O que está faltando é qualquer descrição de como a Conspiração dos Trabalhadores será organizada. Assim como os anarquistas, que também consideravam as formas democráticas *inerentemente* uma fraude, Machajsky parece ter a obrigação de apresentar uma alternativa. Não teve essa sorte. Além de atacar as demandas por democracia política e a legalização de sindicatos e outras formas de organização da classe trabalhadora, além de propor chantagear quaisquer autoridades que estejam no poder com um motim universal, Machajsky não fala sobre questões organizacionais. Ele não é vago ou evasivo. Ele simplesmente não discute a questão. Até onde se sabe, os poucos adeptos de Machajsky seguiram o padrão anarquista tradicional de comportamento organizacional. Havia alguns pequenos grupos formados na periferia do movimento real

²⁴ *Umstvennii Rabochii* p. 147.

que tiveram uma vida breve, embora empolgante, de recriminação mútua antes de se dissolverem²⁵.

A REVOLUÇÃO RUSSA

Pelo que sabemos, de 1908 a 1918, Machajsky não publicou nada e não participou de nenhuma atividade política. Ele viveu no exterior durante a maior parte desse período. Quando a revolução estourou, ele retornou à Rússia, mas não há evidências de que tenha participado de qualquer atividade política. Até 1918, seis meses após a revolução de outubro, ele não escreveu nada, pelo que sabemos. Durante dezoito meses de agitação, da mais turbulenta revolução popular de massa desde 1789, Machajsky permaneceu em silêncio. E quando ele falou?

Em *The Russian Revolution*, escrito em novembro de 1918, Machajsky tentou convencer os trabalhadores russos de que *nada havia acontecido*. Os bolcheviques ainda estavam protegendo o capitalismo.

O partido bolchevique, no qual os trabalhadores confiaram tanto em outubro, quando prometeu derrubar o sistema de exploração, depois de dar alguns passos, parou como um covarde e começou uma retirada vergonhosa. ... Chegou a hora de finalmente considerar *uma verdadeira revolução operária*, a tomada de fábricas e usinas, o confisco dos lucros dos capitalistas para conseguir um aumento maior nos salários. Para atingir esse objetivo, é necessário o mesmo tipo de massa unificada que foi exigido em outubro. A tomada de toda a produção pelos trabalhadores só será bem-sucedida se for feita de uma só vez. Portanto, *é necessário, antes de tudo, forçar o poder soviético a realizar uma expropriação geral e imediata da grande e média burguesia*. Toda propriedade que gere uma renda superior a uma norma fixa (digamos, 10 mil por ano) deve ser confiscada; toda a renda da intelligentsia deve estar sob o mesmo limite máximo²⁶.

Isso é tudo o que há nesse panfleto. Ao contrário de Rosa Luxemburgo e de outros apoiadores da revolução que saíram da tradição marxista do pré-guerra, ao contrário de alguns membros do próprio Partido Comunista, ao contrário do próprio

²⁵ *Umstvennii Rabochii*, p. 13

²⁶ *Umstvennii Rabochii*, p. 354.

Lênin em alguns dias, Machajsky não tinha nenhuma crítica a fazer sobre as restrições às liberdades democráticas que o regime já havia começado a adotar. Ele considera como certo que os mencheviques e os socialistas revolucionários foram proscritos *porque se recusaram a avançar com rapidez suficiente na expropriação dos burgueses*. Não há menção ao argumento apresentado com mais frequência na época pelos defensores do governo bolchevique. Esse argumento justificava a proibição da oposição com base no fato de que ela havia pegado em armas contra o governo soviético eleito. Essa acusação, independentemente das evidências a favor ou contra ela, não significava nada para Machajsky. Ele não era a favor da democracia. A oposição que ele insiste em fazer aos trabalhadores é a mesma de antes. Não a defesa dos direitos democráticos dentro da revolução - de que serviria isso - mas sim a pressão sobre o governo por meio da ação direta.

Tanto os escritores soviéticos quanto os ocidentais, pró-Machajsky-e anti-Machajsky, afirmam ver sua influência na oposição que cresceu a partir de 1920 na Rússia. Na época, ninguém parece ter notado isso. Nenhum opositor se refere a ele e não há evidências de que ele tenha tido algo a ver com os grupos de oposição em proliferação. Ele não escreveu nada, embora houvesse muita discussão sobre a possibilidade de o regime gerar algum tipo de nova classe.

Não há nenhuma indicação de que ele tenha sido perseguido ou silenciado pelo governo. Essa perseguição não impediu que outros realizassem atividades de oposição mais ou menos abertas, mesmo dentro das fileiras do próprio PC. A década de 20 foi uma época de furiosos debates políticos, públicos e clandestinos. A Rússia ainda não era um estado totalitário.

Quando Machajsky morreu, ele recebeu um obituário levemente favorável na imprensa do partido que, com a mesma suavidade, criticou suas opiniões²⁷. É claro que Machajsky pode ter se juntado às fileiras dos ex-revolucionários esgotados, como muitos outros antes e depois. Entretanto, permanece a suspeita de que suas opiniões sobre democracia teriam sido de pouca utilidade para aqueles que se organizavam contra a burocratização do regime.

²⁷ Albert Parry, *Umstvennii Rabochii*, Introdução, p. 20.

MAX NOMAD

O próprio Machajsky, como vimos, não tinha nada a dizer sobre a questão do fascismo e do stalinismo. Max Nomad é que tinha. Pode-se até dizer que, sem a tentativa de Nomad de aplicar a teoria de Machajsky a esses novos fenômenos, a teoria teria sido esquecida. Foi Nomad quem, no início dos anos 30, quando a questão de uma "Nova Classe" foi amplamente discutida, afirmou que os argumentos de Machajsky contra a -social-democracia pré-guerra equivaliam a uma previsão do stalinismo e do fascismo²⁸. Sua apresentação mais detalhada do argumento é o livro *Renegades and Rebels*. É nesse livro que ele se apresenta de forma mais consistente como discípulo de Machajsky²⁹. É também o livro em que a atitude *ambivalente* de Nomad em relação ao fascismo e ao stalinismo é mais aparente.

Assim como Machajsky, Nômade, nesse ponto, sustentava que, na medida em que o capitalismo de estado dos intelectuais era diferente do capitalismo privado, ele era *progressivo*. Tanto Machajsky quanto Nômade defenderam esse ponto de forma consistente. Essa é a razão pela qual Machajsky pôde fazer de sua principal exigência em 1918 que os bolcheviques expropriassem imediatamente a propriedade privada. No entanto, nem Machajsky nem Nômade costumavam enfatizar esse ponto de vista, pois isso teria prejudicado seu ataque à nova classe de intelectuais.

No entanto, ao longo de seu ensaio sobre Mussolini em *Renegades and Rebels*, Nomad, embora mantenha uma atitude desdenhosa em relação a todos os partidos, enfatiza a vitalidade do novo César.

(...) ele é depreciado como um imitador errático e tardio dos tiranos clássicos do passado, cujas palhaçadas histriônicas e pronunciamentos altissonantes não precisam ser levados muito a sério. Ainda assim, essa avaliação de Benito Mussolini deixa de considerar adequadamente as forças históricas reais que o trouxeram à tona. Seus métodos de lidar com os oponentes podem ser arcaicos - emprestados dos períodos de Marius -e Sulla -ou Abdul- Hamid - e suas várias -filosofias -expostfacto podem ser reacionárias, mas, historicamente falando, o movimento que ele personifica é algo novo.

²⁸ *Revolution Proletarienne*, I.

²⁹ De acordo com Parry, em *Umstvennii Rabochii*, o Nômade realmente rompeu com Machajsky em 1910. *Umstvennii Rabochii* p. 19.

Ele faz parte de um novo processo histórico - a ascensão ao poder de uma nova classe, cujo caráter proteano se expressou nos últimos cem anos nas correntes e atividades mais contraditórias, desde o idealismo mais elevado de Malatesta ou Liebknecht até seu exato oposto, como exemplificado pelo ditador italiano e seus imitadores em outros países³⁰.

Independentemente de suas qualificações e hesitações, essa passagem notável do homem que garantiu a Machajsky a reivindicação de ser o profeta que previu o totalitarismo moderno claramente coloca Mussolini ao lado de Liebknecht (presumivelmente Karl e não Wilhelm) como um dos que estão abrindo caminho para a "nova ordem", a "onda do futuro".

Vamos colocar isso em um contexto histórico. O livro foi publicado em 1932. Um ano antes de Hitler chegar ao poder. As tropas de choque estavam brutalizando sindicalistas, socialistas e liberais nas ruas. A burguesia alemã estava criando coragem, tentando decidir se entregaria ou não os recursos do Estado alemão a essa "onda do futuro" em particular. E não apenas a burguesia alemã. Em toda a Europa e nos Estados Unidos, a respeitável opinião pública oscilava sobre a questão. Será que o movimento fascista não poderia ser a solução para o problema social? Tanto os Fabianos quanto os New Dealers viam em Mussolini e Hitler pensadores sérios que estavam lidando com a crise da depressão. Socialistas, sindicalistas e alguns liberais travaram uma batalha difícil quando tentaram convencer a opinião pública da ameaça representada pelo fascismo. Qual é o significado político, nesse cenário histórico, de um livro que vê o socialista Liebknecht, o anarquista Malatesta e Mussolini como parte da mesma "onda do futuro"?

E tem mais. É nesse livro que Nomad enfatiza mais claramente o caráter progressista do "capitalismo de estado". Em seu ensaio sobre o líder comunista americano da época, William Z. Foster, Nomad escreve:

... o Partido Comunista, independentemente das disputas -e falhas humanas - demasiadamente humanas - -de seus líderes, está atraindo para suas fileiras tudo o que é vigoroso, combativo e entusiasmado entre os elementos insatisfeitos da geração mais jovem de trabalhadores e intelectuais. Eles podem ainda estar inconscientes das

³⁰ *Rebels and Renegades*, p. 262.

implicações mais profundas do movimento em que estão engajados, da contradição oculta entre os interesses de seus contingentes da classe trabalhadora e os dos intelectuais e ex-trabalhadores que constituem sua crosta superior. No entanto, eles são uma grande guarda avançada na luta contra um sistema falido de capitalismo privado caótico. Muitos economistas visionários já estão apontando o caminho, recomendando uma forma ou outra de capitalismo de Estado, com o governo como a única empresa, cujos "acionistas" são burocratas, técnicos e outros trabalhadores intelectuais - a nova classe dominante que está por vir. O crescimento do movimento comunista, com sua ameaçadora hoste de vagabundos, 'hunkeys' não qualificados, trabalhadores negros e intelectuais desclassificados, pode acelerar o processo de transição para essa forma superior de capitalismo.

Uma nova forma de dominação de classe, o capitalismo de Estado, simplifica a luta de classes para uma disputa entre trabalhadores manuais e mentais e pode, portanto, prenunciar o crepúsculo de toda dominação de classe³¹.

Machajsky foi responsável por tudo isso? Ele foi um apologista prematuro de Mussolini e do stalinismo do "terceiro período"? O fato é que Machajsky não aplicou sua análise da "nova classe" de intelectuais ao stalinismo e ao fascismo. Foi Nômade quem fez isso. A escolha é clara. Ou Machajsky deve ser lido em seus próprios termos - nesse caso, ele não tem nada a dizer sobre os -movimentos totalitários pós-Primeira Guerra Mundial; ou a interpretação de Nomad está certa e Machajsky é responsável por reivindicar Mussolini e Stalin como herdeiros - um tanto desonestos - do movimento socialista e executores de sua missão progressista. Faça sua escolha.

O próprio Nômade, no final dos anos 50 e nos anos 60, começou a levantar questões sobre os valores "libertários" embutidos nas especulações de Machajsky sobre os "intelectuais". Esse repensar, no entanto, foi parte do deslizamento do próprio Nomad para a direita. A posição que ele passou a defender foi a de que até mesmo Machajsky secretamente almejava o poder político à maneira de Bakunin³². A conclusão a que

³¹ *Rebels and Renegades*, p. 390.

³² Em seu artigo no *Le Contrat*, o Social Nomad argumenta que Machajsky visava secretamente a uma ditadura de seu grupo revolucionário à maneira de Bakunin. As doutrinas secretas desse último não são mais secretas, pois foram publicadas em toda parte. Nenhuma dessas "armas de fogo" foi encontrada para Machajsky. A evidência de Nomad é uma conversa particular com a viúva de Machajsky em 1934. Conforme *ele* relata no artigo, a conversa é pouco mais do que uma tentativa de armadilha por parte de Nomad. Nomad parece nunca ter entendido a verdadeira política de Machajsky. No caso de Bakunin, o

Nomad chegou foi que o socialismo e talvez o progresso em geral não eram possíveis. O cinismo original de Machajsky sobre a democracia política é aqui estendido a todas as atividades. Em um artigo na revista *New Politics*³³, ele levou a hostilidade de Machajsky à atividade política à sua conclusão lógica, defendendo a ação econômica "pura e simples" em uma base fragmentada como a única atividade da qual a classe trabalhadora era capaz. Todo o resto, toda a história do movimento da classe trabalhadora desde seus primeiros dias, não passava de um caso em que o trabalhador era enganado pelos intelectuais. As fantasias de Machajsky sobre uma greve geral não eram diferentes. Tudo isso é uma farsa. A posição final de Nomad chegou muito perto do "puro e simples" de Samuel Gompers.

Espero que meu ceticismo em relação aos trabalhadores manuais, como massa, jamais se tornem "aptos" a governar "em seu próprio nome" e minha insistência no slogan "*mais e mais agora*" não me rendam a H.D. (Hal Draper) a acusação de que sou um defensor gompersiano do status quo capitalista. (...) Na melhor das hipóteses, pode haver uma mudança frequente de mestres que governarão 'em nome das massas' e farão concessões a elas, para que não sejam substituídos 'democraticamente' por outro grupo de demagogos, que também governarão 'em nome das massas'.

E os trabalhadores? Aqueles que não conseguiram se tornar tão cultos quanto os Reuthers ou tão inteligentes quanto os Dubinskys continuarão lutando por melhores salários e sonhando com carros melhores e casas em bairros não "infestados" por raças humanas "inferiores". Pois eles pertencem à mesma espécie animal que seus "superiores" burgueses ou neoburgueses, com a única diferença de que têm menos dinheiro e educação e mais preconceitos. No entanto, acredito em ajudá-los em sua luta por uma parcela melhor das coisas boas da vida. Mas não tenho ilusões de que eles virarão uma nova página da história humana. Pois a história sempre será uma luta

ataque conspiratório clandestino à organização democrática foi *explicitamente* justificado por possibilitar que o grupo totalitário exercesse o poder real. A "anarquia" interrompeu a autoridade democrática para tornar isso possível. A hostilidade contra a democracia e a autoridade democrática no estado e no movimento dos trabalhadores era igualmente forte para Machajsky, mas não há evidências de que ele tenha planejado ir além de sua greve.

Seu grupo não era organizado em linhas totalitárias, nem mesmo em teoria. Além disso, em seu panfleto *Russkaya Revolutsia*, de 1918, Machajsky defendeu o apoio ao governo bolchevique contra os brancos, alegando que sua conspiração só seria possível sob um governo democrático. A ênfase de 1905 na democracia como o mal maior desapareceu sob condições revolucionárias reais.

³³ Max Nomad, 'Is There a Socialism From Below', *New Politics*, Vol. V, No. 2.

impiedosa na qual os mais impiedosos, os mais astutos e os mais inteligentes lutam entre si pelos melhores lugares nas costas dos menos favorecidos.

O QUE ERA MACHAJSKY?

Este ensaio começou com a pergunta "quem foi Machajsky". O material disponível em francês e inglês fornece uma resposta geralmente adequada a essa pergunta, com uma ou duas omissões notáveis. A falha desses relatos está em suas tentativas de avaliar a importância dos escritos de Machajsky e colocá-lo em um contexto político. É essa incapacidade de ver a ligação entre a simpatia de Machajsky pela classe baixa e o ódio pelo que ele via como os -falsos profetas egoístas do socialismo, por um lado, e sua política antidemocrática, por outro, que torna esses relatos confusos e incoerentes. O desprezo fundamental desse liberal desesperado pelas massas não instruídas não é enfrentado.

Todos os autores sobre Machajsky abordam seu tema com simpatia. Afinal, ele era um libertário cuja hostilidade à crosta burocrática que se formava em torno do movimento trabalhista legal o levou a vê-lo como o precursor de uma nova classe e, portanto, a antecipar o stalinismo. Quando confrontados com o desprezo de Machajsky por *todas as* instituições democráticas como *inerentemente* corruptas, eles caem na confusão. Como vimos, eles não mencionam os elogios de Machajsky às Centenas Negras. O resultado é uma imagem fora de foco. Somente Alexandre Skidra consegue uma imagem nítida, ajustando sua câmera de modo que o fundo perturbador desapareça completamente.

Machajsky foi um crítico presciente do stalinismo e do fascismo ou foi um precursor desses movimentos? Eu sugeriria que Machajsky e o movimento anarquista, cuja teoria e prática eram tão próximas às dele, estavam predispostos, de certa forma, à demagogia de um movimento plebeu cuja raiva era direcionada aos partidos e sindicatos social-democratas ou trabalhistas.

A ponte ideológica entre a social-democracia e o stalinismo, como já foi observado, era a *identificação* do socialismo com a nacionalização da indústria e o planejamento estatal. A virtude de Machajsky está em sua ênfase nessa identificação

como a característica definidora da *ala direita* do movimento socialista, como a força motriz por trás do revisionismo. Para ele, é claro, não havia nenhuma ala esquerda da social-democracia. Havia apenas mais ou menos retórica encobrindo a cobiça dos intelectuais por empregos no governo e nos sindicatos.

Existe uma ponte semelhante no caso do anarquismo e de Machajsky? Será que a hostilidade a *todas as* formas de democracia representativa não proporciona essa ponte? A ênfase no direito da "minoridade militante" de agir sem levar em conta não apenas as maiorias parlamentares, mas também a opinião da maioria da classe trabalhadora em cujo nome essa minoria presumia falar, o culto da ação pela ação, a hostilidade em relação à "autoridade" dos líderes eleitos dos sindicatos e dos partidos dos trabalhadores, tudo isso predispunha os anarquistas e os machajevistas a aceitar a demagogia antidemocrática dos movimentos fascistas e stalinistas.

Não quero substituir o slogan "o leninismo leva ao stalinismo" por um slogan igualmente hacker como "o anarquismo/machajevismo leva ao stalinismo/fascismo". Houve muitas etapas na passagem do sindicalismo, anarquismo ou machajevismo pré-Primeira Guerra Mundial para o stalinismo ou fascismo. Nem todas essas etapas, ou mesmo as mais importantes, eram ideológicas. No entanto, todas essas pessoas levavam a política a sério. Elas precisavam de alguma validação ideológica de suas ações.

Nada disso é de interesse puramente acadêmico. As respostas políticas de Machajsky ao atraso político do movimento trabalhista são comuns hoje em dia. Esse é o motivo do reavivamento do interesse por ele. Nos anos 60, a mesma hostilidade em relação a um movimento trabalhista conservador e à democracia representativa tornou-se a característica das correntes políticas dominantes na esquerda. A mesma glorificação das tendências semi-insurrecionais "espontâneas" da "classe baixa" ressurgiu. Quando a Nova Esquerda deu origem a monstruosidades como as Brigadas Vermelhas ou a facção cem por cento americana Weatherman da SDS, os elementos mais sóbrios ficaram tão confusos quanto nossos especialistas em Machajsky estão em relação à adesão dos Black Hundreds.